

Opinião

Multiplicar os peixes



João Sampaio*

tais (ONGs) e movimentos políticos disfarçados de sociais, entre outros.

Isso vai de encontro ao pensamento do próprio presidente Lula, que defende, por exemplo, que a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) conduza seus trabalhos, com base em critérios técnico-científicos. Para a Sociedade Rural Brasileira, essa ação institucional em é outro risco o agronegócio, que tanto contribui para o desenvolvimento socioeconômico do Brasil.

O fato é que o apoio à criação de entraves para reintegração de posse, por exemplo, estimula a tensão no campo. Isso serve apenas desestabilizar o agro e o processo contínuo de transferência de benefícios socioeconômicos do setor para a sociedade, com a de idéias na agenda pública, que já foram desacreditadas no século passado.

A crença que um Estado “super poderoso” seja sinônimo de melhores dias é retrocesso, significa regredir na história. Embora não seja o modelo perfeito, e já vimos que não é, vide a recente crise financeira, o capitalismo é o regime que melhor possibilita a busca pela independência econômica de quem quer que seja.

Olhando para frente, o que nos cabe questionar agora é se este tipo de pensamento deve nortear a política pública. Será que é disso que o Brasil precisa? ■

QUANDO DISCUTIMOS atividades econômicas agropecuárias em reuniões pelo Brasil, há sempre um interlocutor que registra a piscicultura continental como de potencial ilimitado.

A pergunta é: o que falta para a piscicultura deslançar, a exemplo do que já ocorreu com a avicultura há mais de 20 anos? Quais são os modelos que devem ser importados de outros setores para a atividade? As respostas passam por um ponto central, a produção. Mesmo com crescimento de 40% nos últimos cinco anos, a quantidade produzida ainda fica aquém do necessário para formar mercados consolidados.

A indústria de transformação, o processamento e a comercialização estão à frente da área de produção. O elo do criador de peixes precisa de maior competitividade diante da alimentação de alto custo, pouca tecnologia na ração, altas perdas e falta de organização do setor.

O Brasil tem uma produção de cerca de 1 milhão de toneladas anuais de pescado. Desse total, São Paulo produz 65 mil toneladas, na nona posição entre os estados brasileiros. O crescimento do pescado continental paulista tem sido ao redor de 15% ao ano, sendo que praticamente 40% da produção são originários de processo de criação.

Entretanto, o dado importante está no mercado latente. A importação anual de pescado pelo Brasil totaliza 180 mil tone-

ladas, com aumento de 50% nos últimos cinco anos. O estado de São Paulo é responsável por 60 % desse volume no que se refere à compra e distribuição, inclusive para outros estados. Portanto, a produção em larga escala é o gargalo e a oportunidade da piscicultura.

Para inserir a piscicultura continental entre as atividades agrícolas do produtor, é preciso superar os obstáculos e estudar modelos de integração e consórcio na cadeia produtiva. As superfícies de água paulista, passíveis de serem utilizadas para criação somam 1 milhão de hectares. Algumas iniciativas vão nesta direção, principalmente nos criadouros de tilápias. A região noroeste do estado é uma das mais privilegiadas, tanto é que a Secretaria de Agricultura inaugura nos próximos dois meses o Centro de Pescado Continental, área de pesquisa dedicada ao estudo e experimentos de manejo e gestão. Na mesma região, há um frigorífico que trabalha em parceria com produtores em tanques-rede nas represas; outro deve ser instalado. A combinação da produção, do processamento e da comercialização de pescado também está no planejamento de outro empreendimento na região de Franca.

Em outros estados, como Mato Grosso, projetos de empresas do setor alimentício apostam na piscicultura continental e na criação de marcas próprias do produto processado. Santa Catarina, Pernambuco e o Ceará já têm fazendas voltadas à exportação e nichos de mercado no Brasil.

Nas áreas de pesquisa, o Instituto da Pesca da secretaria atua no manejo, aproveitamento de resíduos no processamento e também trabalha na Câmara Setorial de Aquicultura e Pesca para integrar os agentes produtivos na busca de qualidade e escala e na sua organização comercial. A multiplicação dos peixes é um processo que se antecipa ao futuro como mais uma oportunidade de renda para produtores e empresas. ■

* Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)

* Produtor rural e secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo